Çocapupe cöyté Paí oiké Kyçába pupè onhenong;

Caräïba onhëeng ixupé;

Erepotàrpe xe nde poçanong? Arecò poçanga catú

Ixuí tenhé eieguarú Inhëenga Paí noçobaixoár,

Nocendù nungara oicó; Caräíba cöyté i pytubar, Paí çüíabé oiemurõ;

Oçò äéreme ygàra cotý,

Ocururùc pe rupi.

Em sua casa, enfim, o padre entrou,

estendeu-se em seu leito. O branco falou a ele:

- Queres que eu te medique?

Tenho um bom remédio; dele não tenhas nojo15.

O padre não respondeu a suas palavras,

estava como quem não ouvira. O branco, enfim, cansou-se,

ficou com raiva do padre. Foi, então em direção à canoa,

resmungando pelo caminho.

315

310

Bibliografia

Monteiro, John, O escravo índio, esse desconhecido, In Grupioni, Luís Donizete Benzi (org.)., Índios no Brasil. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

Viana, Hélio, História do Brasil. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1977.

Vocabulário da Língoa, manuscrito anônimo de número 569 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal.

¹⁵ Isto é, o traficante tinha a intenção de envenenar o padre, pretextando oferecer-lhe remédio para sua indisposição, ao que este recusa prontamente.